JUNG, C.G. *Recuerdos, Sueños, Pensamientos*, Barcelona, Seix Barral, 1964.

Eis a tradução da famosa autobiografia de C.G. Jung. Em verdade, não é uma autobiografia comum, mas uma soma de comentários

sôbre si mesmo, feitos por Jung e recolhidos por Aniela Jaffé. Não se trata de acontecimentos da vida do Psicanalista suíço, ou melhor, os acontecimentos ligados a causas exteriores são contingentes. Para Jung, as únicas experiências "dignas de ser mencionadas" são vivências internas, anímicas.

Acreditamos que é um livro difícil de ser decifrado por quem desconheça a obra de Jung. São lembranças, fantasias, sonhos, descrições de personificações do próprio inconsciente, fragmentos de poesias. Para o leitor de Jung, porém, êste livro vem clarear muitos pontos obscuros da obra. A ambigüidade de certos textos, a sua relativa confusão, são aqui superadas. Por exemplo, o misticismo latente nas demais obras de Jung, com influências de Platão, de Plotino, dos orientais, é claramente confessado: "Creio que todos os meus pensamentos giram em tôrno de Deus, como os planetas em tôrno do sol, e, assim como êstes em relação ao sol, os meus pensamentos são atraídos por Êle". Da mesma maneira, Jung não vacila em descrever detalhadamente as suas experiências de regressão ao inconsciente, testemunhas de grande coragem e incomum saúde mental, que o leigo poderia interpretar como episódios de "loucura".

Entre o racionalismo e o misticismo, Jung escolhe o segundo têrmo, mas aprofunda de tal modo as investigações, que aquilo que começava com divagação lírica se torna instrumento seguro e método científico.

Há um interessante capítulo sôbre as suas relações com Freud. Jung apresenta Freud como um mestre, mas atormentado por indagações íntimas, angustiado perante as extensões mágicas da busca do inconsciente. A crítica de Jung é bastante original. Para êle, Freud superestimou o papel da sexualidade, por defesa contra aquilo que não queria aceitar, ou seja, criou o "dogma da sexualidade" para substituir as tendências religiosas que desejava negar. No fim, a psicanálise freudiana ortodoxa seria a expressão do reforçamento dos mecanismos de defesa de Freud contra os perigos do inconsciente, uma racionalização que teria atuado para conter sua "negra avalancha".

O leitor que já não aceite Jung encontrará neste livro mais motivos para atacá-lo. O admirador de Jung descobrirá mais razões para considerá-lo um gênio. É que, por ser um retrato verdadeiro, o livro serve sobretudo para delinear com maior nitidez as feições da psicologia jungiana. O próprio Jung bem sabia disso, e tanto temia a reação do público, (tinha então 81 anos), que insistiu para que fôsse publicado

sòmente depois de sua morte, que ocorreu em 1961. Já tinha sofrido demais com a violência de certas críticas: "Tôda minha vida, conservei estas notas e nunca quis publicá-las, pois, se acontecesse alguma coisa com êste livro, seria mais grave que com os demais. Não sei se estarei bastante longe dêste mundo para que os dardos não me possam alcançar e que eu não tenha de suportar as críticas adversas. Sofri demais a incompreensão e o isolamento a que chega aquêle que diz coisas que os homens não entendem. A "autobiografia" é minha vida observada à luz daquilo que investiguei. Uma é a outra, e, por isso, a leitura dêste livro é difícil para aquêles que não conheçam os meus pensamentos ou não os entendam. A minha vida é, num certo sentido, a quinta essência daquilo que escrevi, e não o contrário... Assim, portanto, a "autobiografia" não é nada mais que o ponto sôbre o i".

Uma leitura imprescindível para o estudioso da formação dos mitos e dos símbolos do inconsciente.

MONIQUE AUGRAS